




MULHERES NEGRAS E O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL: narrativas e representações no Instagram do Comitê Paralímpico (2014-2018)

BLACK WOMEN AND PARALYMPIC SPORT IN BRAZIL: narratives and representations on the Brazilian Paralympic Committee's Instagram (2014-2018)

Guilherme Carvalho Vieira¹ - UFRGS 
Luana Pará Costa² - UFRGS 
Janice Zarpellon Mazo³ - UFRGS 

RESUMO

Este estudo investiga que representações acerca de atletas negras com deficiência foram veiculadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) no período de 2014 a 2018. A pesquisa, de caráter qualitativo e fundamentada nos pressupostos da História Cultural, realizou uma análise documental a partir de postagens, sobretudo imagens, publicadas no Instagram do CPB. O levantamento buscou elucidar de que maneira essas atletas foram retratadas em meio às atuais discussões sobre interseccionalidade. Os resultados indicam que o espaço midiático destinado a mulheres negras com deficiência no esporte paralímpico ainda está em processo de construção, revelando avanços pontuais, mas também lacunas na consolidação de suas representações como sujeitos plurais.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoa com deficiência; Paradesporto; História do Esporte.

ABSTRACT

This study investigates how the Brazilian Paralympic Committee (CPB) constructed representations of Black women with disabilities in Paralympic sporting events between 2014 and 2018. The research, qualitative in nature and grounded in the framework of Cultural History, conducted a documentary analysis of posts—mainly images—published on the CPB's Instagram account. The study sought to understand how these athletes were portrayed within the context of current discussions on intersectionality. The findings indicate that the media space dedicated to Black women with disabilities in Paralympic sport is still under construction, revealing some progress but also significant gaps in consolidating their representations as plural subjects.

KEYWORDS: Black women; Disability; Paralympic sport; History.

¹Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pesquisas voltadas à História e Memória do Esporte e da Educação Física, Esporte Paralímpico. E-MAIL: guilherme.vieiraufrgs@gmail.com

²Mestra em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS), na área de concentração Movimento Humano, Cultura e Educação e na linha de pesquisa Representações Sociais do Movimento Humano. Licenciada em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFID). E-MAIL: luana-pare@hotmail.com

³Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da UFRGS, líder do NEHME e coordenadora do CEME e do OPES. E-MAIL: janice.mazo@ufrgs.br

INTRODUÇÃO

Se contar o acontecido já é uma traição com o vivido, pois muitas vezes, se trata de uma reconstrução malfeita das lembranças, recontar o que ouvimos pode ser uma dupla traição. Por isso, recontar é um trabalho perene, infindo. (Evaristo, 2022, p. 7).

A epígrafe de Conceição Evaristo (2022) é uma forma de introduzir o presente texto que busca recontar de histórias por meio de pesquisas no campo da História do Esporte, contudo a fabricação da pesquisa traz consigo uma inquietude provocada pelos desafios no âmbito das representações culturais. Do ponto de vista historiográfico, a evocação do passado movimentava um cenário de memórias. No terreno contemporâneo, a memória passa a ser vista enquanto objeto válido de análise da história, ou seja, como fonte histórica. Nesse caminho, a memória reanima um personagem típico do conhecimento histórico, a “testemunha”. Logo, para o estudo da história, a testemunha está colocada como alguém capaz de executar a manutenção do passado que através de uma pluralidade de memórias, confrontando e problematizando questões, tece demandas por reconhecimento (Pollak, 1992; Halbwachs, 2006).

Se a memória é também um instrumento e objeto de poder, como ressalta Halbwachs, (2006), torna-se fundamental entender quem conta a história, para quem conta, porque conta e de que lugar conta. Uma vez que apresenta determinado discurso o qual pode ser assentado em som e silêncio, cheio e vazio, presença e ausência, lembrança e esquecimento a história requer a operacionalização do procedimento de análise para além do enunciado da fala e suas lacunas. Isso significa que lembrar não é apenas um exercício afetivo, mas também uma prática constitutiva de quem somos, e, de tal modo, a memória se converte em espaço de reivindicação e construção das representações num contexto de disputas sociais e culturais.

As representações de Pessoas com Deficiência (PcD) na sociedade vêm cercada por diferentes construções do imaginário social. Embora tenhamos avançado em relação às ideias do modelo médico, ainda, percebem-se formas diversas de exclusão e segregação de PcD. No entanto, a conquista de direitos e o reconhecimento da deficiência como parte da diversidade humana desencadearam movimentos de participação direta, advertindo sobre a invisibilidade, a discriminação e desvalorização de PcD na sociedade (Diniz, Barbosa e Santos; 2009). De acordo com os autores (2009), a partir da consolidação dos estudos sobre a deficiência na década de 1960 e de movimentos de reivindicação de direitos e pelo protagonismo de PcD na luta contra a opressão, estabeleceu-se o modelo social da deficiência em contraposição ao modelo meramente biológico.

Os estudos socio-históricos sobre a temática do esporte paralímpico/paradesporto tiveram um incremento no século XIX (Mazo, Bataglion, Pereira, 2019; Bataglion, Mazo, 2019; Sanchotene, Bataglion, Mazo, 2020; Sanchotene, Oliveira, 2020; Ledur, Begossi, 2020; Bataglion, Sanchotene, Mazo, 2025). Cabe referir que no repositório do projeto “Paradesporto Brasil + Acessível” (disponível em <https://paradesporto.unifesp.br/>) e na Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA) (<https://www.sobama.org.br/revistas>) são encontrados outros estudos que evidenciam o crescimento da produção intelectual relativa as PcD. Mesmo assim, nota-se uma lacuna na produção acadêmica no que concerne as representações acerca das mulheres negras no esporte paralímpico.

Ressalta-se a importância de entender como raça, gênero e deficiência se entrelaçam na produção e reprodução de discursos sociais e históricos e na construção de memórias coletivas. Para tanto, neste estudo aplicamos como categoria analítica a interseccionalidade, a fim de

decifrar as opressões que atravessam raça, gênero e deficiência no contexto esportivo (Akotirene, 2018, 2019; Garland-Thomson, 2002). Consideramos que os discursos e representações de PcD, inclusive no esporte paralímpico, (re)produz representações marcadas por repetições, silenciamentos e disputas de significados (Lima, 2022).

As representações culturais de atletas negras no esporte paralímpico, são entendidas como atos de significação, a partir de uma dimensão criadora dos modos de subjetivação e diferença. Assim, são capazes de permitir a emergência de transformações sociais no contexto esportivo e, para além dele, construir e debater uma enunciação cultural que não seja neutra (Costa, 2025). Nesse sentido, ganha especial relevância no Brasil a produção e salvaguarda de memórias e histórias da população negra em todas as esferas incluindo suas memórias esportivas. Esta discussão traz em si, por um lado, uma narrativa cristalizada pelo “mito da democracia racial brasileira”, marcada por uma crença, uma dita verdadeira realidade, uma ordem que dificulta o entendimento e a decodificação das manifestações do nosso racismo à brasileira (Munanga, 2010).

A partir de tais noções teóricas, o objetivo deste estudo é elucidar as representações culturais de mulheres negras no esporte paralímpico brasileiro, a partir das postagens do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) no Instagram no período de 2014 a 2018.

METODOLOGIA

A escolha pela análise das postagens no Instagram do CPB justifica-se pela relevância como mídia social voltada para a construção de narrativas visuais e produção de sentidos sobre o corpo e o esporte. Foram selecionadas imagens acompanhadas de legendas, hashtags e demais elementos textuais, compondo um material híbrido de linguagem verbal e não verbal. De forma específica coletamos postagens que representavam mulheres com tez de pele preta ou parda, categorias que, segundo o IBGE, correspondem a negros.

A seleção do corpus documental inicialmente abarcou o período de 2012 a 2019, considerando a consolidação do perfil do CPB no Instagram e a crescente utilização dessa plataforma como meio de divulgação institucional. Dentro desse intervalo de tempo, o recorte temporal privilegiado para fins deste estudo foi delimitado entre os anos de 2014 e 2018, por concentrar maior número de postagens relacionadas às atletas paralímpicas e, assim, oferecer maior densidade de material para análise.

O levantamento inicial contemplou todas as publicações disponíveis no período demarcado (2014 a 2018); em seguida, foram definidos critérios de inclusão e exclusão para refinar o material. Foram incluídas apenas as postagens realizadas no perfil oficial do CPB que faziam referência direta às atletas mulheres, acompanhadas de imagens, vídeos, legendas ou hashtags que permitissem a análise conjunta da linguagem verbal e não verbal. Além disso, privilegiamos registros que destacavam a participação, conquistas, treinamentos ou homenagens às atletas paralímpicas. Por sua vez, foram excluídas as postagens referentes exclusivamente a atletas homens, conteúdos institucionais sem destaque a sujeitos, como comunicados gerais, campanhas e cartazes de eventos. As publicações repetidas ou republicações sem acréscimo de informações relevantes e imagens sem identificação de atletas, também foram excluídas do estudo. Após essa triagem, constituímos o corpus final formado por postagens que retratam atletas paralímpicas negras, assegurando a pertinência do material ao objetivo da pesquisa.

Em relação às fontes, Barros (2004, p. 134) destaca que “hoje qualquer texto pode ser constituído pelo historiador como fonte”. O conceito de fonte histórica foi ampliado pelo

historiador contemporâneo, transcendendo os limites das fontes textuais e impressas e diversificando possibilidades para a investigação histórica. Nesse sentido, reconhecemos que postagens publicadas em redes sociais também podem ser consideradas fontes relevantes, oferecendo contribuições significativas para as pesquisas científicas.

A fim de empreender uma análise de maneira aprofundada das fontes digitais, seguimos a premissa de "entender o texto no contexto de sua época" (Bacellar, 2008, p. 63), atentando-nos aos significados das palavras e expressões utilizadas no período em que a fonte digital foi produzida (Lucchesi; Oliveira, 2024). Buscamos interpretar as fontes para além de sua superfície, identificando os significados ocultos e as ideologias que permeiam suas entrelinhas, frequentemente relacionadas às intenções e concepções da instituição, no caso o CPB. Para tanto, questionamos a fonte e sua intencionalidade, sem tratá-la como uma verdade absoluta.

Os documentos eletrônicos, a partir do início do século XXI, começaram a ser incorporados como importantes indícios históricos no estudo do esporte. Esse movimento está relacionado ao crescimento e à expansão da Internet nesse período, que passou a ser utilizada como uma ferramenta de pesquisa histórica, funcionando como um espaço de busca e coleta de informações (Maynard, 2016). Assim, a fotografia na rede social apresenta um papel central na construção das representações sobre os esportes e os corpos, especialmente no contexto paralímpico. A vinculação das imagens nos perfis oficiais das instituições esportivas, conferiu-lhes grande proeminência, influenciando a percepção do público e facilitando a compreensão das cenas e dos sujeitos (Vieira; Pereira; Mazo, 2024).

Esse processo permitiu construir uma base sólida para examinar, em profundidade, as representações e silenciamentos presentes na forma como o CPB divulgou as atletas em seu perfil no Instagram. A análise das fontes foi desenvolvida por meio da técnica de Análise Documental, articulada à Análise Temática de Conteúdo como "uma técnica de pesquisa voltada para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação" (Fonseca Júnior, 2009, p. 282), de modo a identificar recorrências, silenciamentos e ênfases presentes nas representações das atletas negras paralímpicas (Pimentel, 2001; Campos 2004). As imagens e textos analisados foram interpretados e os resultados e discussão são apresentados nos dois subtópicos que seguem.

INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE PARALÍMPICO

A interseccionalidade, como ferramenta analítica, é capaz de avançar nos sentidos de ciência e conhecimento contribuindo para uma educação crítica (Collins; Bilge, 2021) ao amparar a reflexão com um olhar aguçado a respeito daquilo que sabemos sobre as representações culturais. Trata-se de uma chave-analítica para pensarmos que as representações culturais não são neutras e compartimentalizadas. De acordo com Eugênio e Silva (2022), mesmo dentro dos movimentos feministas, as mulheres com deficiência ainda precisam lutar por visibilidade, pois ainda não são reconhecidas em suas especificidades. Ou seja, a discriminação marcada por um recorte de gênero e raça tende a produzir vivências que ferem seus direitos.

Há múltiplas lentes como a política, educativa, econômica, histórica e ambiental para analisar um fenômeno social que tende a transgredir as fronteiras estabelecidas e impostas por uma epistemologia singular. A presente investigação busca uma articulação tecida entre, um recontar de histórias através das representações culturais de atletas negras paralímpicas, das reflexões acerca desse recontar e da ação política, histórica e educativa desse fazer investigante. Vale destacar que, pesquisadoras brasileiras Lélia González (1980) já nos anos 1980 fazia uma

análise a partir das relações interseccionais pensando uma imbricação entre gênero e raça/cor e pautando o racismo e o sexismo no Brasil. Mesmo que Lélia (1980) não utilizasse o termo interseccionalidade, ela apontava em suas reflexões que era preciso ir além do dado visto, ou seja, era necessário um mergulho profundo que permitisse uma maior complexidade nas análises sociais pensando gênero, raça/cor e classe (Santos; Passos, 2025).

Em 1989, surge o termo “interseccionalidade” elaborado pela pesquisadora estadunidense Kimberlé Crenshaw. Atualmente, a popularização do conceito de interseccionalidade estende-se sobre muitas áreas do conhecimento. Através deste conceito se busca compreender e explicar os fenômenos sociais e as consequências estruturais a partir de eixos que produzem a subordinação como, por exemplo, o capitalismo, o racismo e o patriarcado. Logo, o conceito ajuda-nos a entender também como as representações culturais funcionam e, além disso, como os marcadores sociais qualificam o que é ser uma atleta negra paralímpica.

Carla Akotirene (2018) convida-nos a incorporar a ideia de encruzilhadas. Para esta autora, as encruzilhadas teóricas e metodológicas orientam-nos a trilhar um caminho atento e responsável com um projeto político de construção de mundo. A interseccionalidade surge como uma encruzilhada que nos impulsiona a agir e refletir de forma política, ética, estética, epistêmica e metodológica. A interseccionalidade, segundo Akotirene (2019, p. 47), evidencia como racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado cruzam-se, revelando quem são os sujeitos mais atingidos pela matriz de opressões, e desloca o foco de reivindicações identitárias individuais para a coletividade dos “Outros”.

Akotirene (2019, p. 63) destaca a interseccionalidade como “uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais”. Essa abordagem analítica revela as complexidades estruturais e subjetivas tanto em contextos globais quanto locais. Igualmente, a interseccionalidade provoca deslocamentos, rompe fronteiras disciplinares e conduz-nos a compreender fenômenos sociais de maneira interdisciplinar.

Embora a representação de atleta que supera os obstáculos, muitas vezes, possa desagradar também as atletas brancas em geral, o que se pretende argumentar aqui é: qual seria o significado da não representação da identidade negra de atletas paralímpicas? Estaria o discurso produzido pelas imagens no Instagram do CPB, como o histórico, procurando apagar os sentidos de uma representação cultural na sociedade brasileira? Teria a mídia social a tendência em ignorar a importância da atleta negra paralímpica na formação da cultura nacional?

Diante de tais questões é interessante acompanhar as reflexões de Kabengele Munanga (1989) sobre a negritude afro-brasileira e a construção dos mitos de identidade nacional para os brasileiros. Segundo Munanga (2019), não é possível homogeneizar os/as negros/as em uma categoria universal devido à pluralidade de contextos socioculturais que marcam suas experiências como sujeitos. Percebe-se então que, mesmo sendo a heroína ou campeã, a representação da atleta negra foi concebida de forma a distanciar-se o máximo possível dos caracteres de uma mulher de ascendência negra afro-brasileira. As representações estão sustentadas na sinteticidade dos olhares de superação.

Nas redes sociais é possível encontrar evidências acerca das referidas representações de atletas negras. Na sequência, serão expostos os recortes obtidos na rede social das respectivas imagens e de uma breve contextualização descritiva. Tal procedimento visa a subsidiar, em momento posterior, a realização de uma análise crítica do corpus em sua integralidade, permitindo compreender não apenas os elementos singulares de cada registro, mas também as articulações e sentidos produzidos no conjunto.

Figura 1 - Publicação de 2014 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

Na Figura 1, a imagem divulga a atleta parolímpica Terezinha Guilhermina, destacando sua superação como corredora cega. A legenda “Impossível correr 400m em menos de 1min sem ver a pista” e o slogan “Mude o impossível” reforçam a narrativa de desafio e superação pessoal, típica de campanhas esportivas voltadas a atletas com deficiência. Visualmente, a foto mostra Terezinha com um tapa-olho decorativo e seu guia ao lado, evidenciando a parceria necessária para a prática esportiva.

Figura 2 - Publicação de 2014 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A imagem apresenta a nadadora parolímpica Joana Neves em um pôster promocional do CPB. A legenda do pôster diz: "Impossível nadar mais rápido que alguém o dobro do meu tamanho".

tamanho". Abaixo da foto dela, o texto continua com a frase: "Mude o impossível". A atleta é identificada como recordista das Américas em cinco provas.

Figura 3 - Publicação de 2015 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A imagem na Figura 3, é uma montagem que compara o atleta jamaicano Usain Bolt com a atleta paralímpica brasileira Terezinha Guilhermina. A postagem do Instagram do CPB celebra o encontro dos dois, chamando Bolt de "o homem mais veloz do planeta" e Terezinha de "a cega mais rápida do mundo".

Figura 4 - Publicação de 2015 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

Atleta paralímpica, Rosinha (Rosilene da Silva), presente na Figura 4, em uma entrevista após conquistar a medalha de bronze no arremesso de peso. A legenda do CPB destaca que ela emocionou-se após "superar um câncer no ano passado".

As imagens produzidas e disseminadas pelo Instagram podem reforçar e naturalizar certos estereótipos sobre corpos com deficiência, correndo o risco de perpetuar a ideia de fragilidade ou limitação dos atletas, mesmo quando o esporte representa uma forma de desafiar os limites do corpo. Por meio da imagem, emerge uma identidade na representação do outro, que pode ser interpretada e está carregada de um significado com implicações morais, éticas e políticas. Lembramos que as imagens carregam significados intrínsecos em sua própria superfície.

As publicações realizadas pelo CPB em seu perfil oficial do Instagram, representadas pelas Figuras de 1 a 4, destacam as atletas Terezinha Guilhermina (atletismo), Joana Neves (natação) e Rosinha Santos (atletismo). Diante disso, concordamos com Sueli Carneiro, (2003, p. 50) que, ao analisar a questão de gênero e raça vivida pelas mulheres negras, fala: “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”. Ainda que o modelo estético não seja o nosso foco nesta análise, é interessante notar que existe uma ideia de associação de negritude com o oposto do que é belo. São esses estereótipos raciais e os papéis sociais pautados no gênero, que Collins (2019) chama de “imagens de controle”: imagens estereotipadas, construídas tendo a mulher negra como o “Outro”. A compreensão da diferença humana através do pensamento binário a define com termos opostos, tais como, branco e negro ou homem e mulher; dessa maneira, “um elemento é objetificado como o Outro e visto como um objeto a ser manipulado e controlado” (Collins, 2019, p. 137).

Se há um discurso de representação cultural que inviabiliza ou ficcionaliza a partir de vários estereótipos, há um outro discurso que pretende apagar modos conhecidos de representações das atletas negras na mídia social.

Figura 5 - Publicação de 2015 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do *Instagram* do CPB

A Figura 5 enquadra uma mulher negra e cega; sua presença no esporte de alto rendimento rompe com padrões hegemônicos que historicamente invisibilizam corpos dissidentes, ao mesmo tempo em que a mídia tende a enquadrá-la em narrativas de superação, reduzindo sua identidade à condição de deficiência (“a cega mais rápida do mundo”). Essa visibilidade, ainda que significativa, revela as contradições das representações midiáticas: valoriza a excepcionalidade individual, mas pouco problematiza as desigualdades estruturais de acesso, reconhecimento e patrocínio que marcam a experiência de mulheres negras e com deficiência no esporte brasileiro.

dominante, como é o caso do atletismo. Em contrapartida, a segunda categoria implica certa diversidade, mas com menor frequência e, conseqüentemente, menor visibilidade.

A ausência da identificação das atletas negras em grande parte das legendas revela a manutenção da invisibilização e anonimato das atletas. Nessa perspectiva, a ausência da individualização, marginaliza simbolicamente sua representação. Além disso, suscita que a identidade racial e a trajetória esportiva dessas atletas sejam diluídas e, ainda, permaneçam ignoradas. Em relação às atletas negras paralímpicas na modalidade do atletismo, podemos associar sua representação consistente a uma tendência histórica de correlacionar atletas negras e negros a esportes de explosão e resistência, reforçando estereótipos racializados. Por outro lado, entende-se que a modalidade viabiliza o acesso de pessoas negras em comparação a outras modalidades.

NOTAS SOBRE REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE ATLETAS NEGRAS

Chartier (2002) mostra que a História Cultural pretende analisar como uma realidade social é construída, arranjada e percebida. No que tange à representação cultural, Hall (2016) explica que a cultura é entendida como um conjunto de práticas que decorrerá de seus participantes o decifram de modo similar dado que cada um possui uma maneira de perceber e entender o mundo. Diante do exposto, as imagens publicadas no perfil do Instagram são representações configuradas a partir de uma ação imagética no qual as pessoas pensam o mundo tendo um conjunto de valores, identidades e realidades em seu cotidiano. A esse respeito, Hall (2016) complementa o conceito de representação com a ideia de estereotipagem, isto é, um conjunto de práticas representacionais que reduz os sujeitos a uma soma limitada de características. O autor ainda reforça que essa é uma estratégia de divisão, que separa o que é considerado padrão e aceitável do que não é padrão e inaceitável, excluindo, assim, tudo o que é diferente ou que não se enquadra.

Embora muito se tenha avançado acerca das ideias sobre o real lugar da mulher negra na sociedade percebemos que, ainda hoje, é atribuída a ela a imposição de alguns discursos e atitudes racistas. Sueli Carneiro (2023) analisa como o racismo é construído nas relações sociais, baseando-se na proposta de Michel Foucault sobre as relações de força. A autora explora a noção de dispositivo como uma demarcação de um conjunto heterogêneo que abrange discursos, regras, leis, medidas administrativas, instituições, decisões, filosofias e outros elementos, tanto os ditos quanto os não ditos, formando uma rede de conexões. Esse dispositivo, segundo Carneiro (2023), desempenha um papel estratégico na manutenção da dominação em determinados contextos históricos. O termo dispositivo:

oferece recursos teóricos capazes de apreender a heterogeneidade de práticas que o racismo e a discriminação racial engendram na sociedade brasileira, a natureza dessas práticas, a maneira como elas se articulam e se realimentam ou se realinham para cumprir um determinado objetivo estratégico, pois, em síntese, o dispositivo, para Foucault, consiste em “estratégias de relações de força, sustentando tipos de saberes e sendo por eles sustentadas” (Carneiro, 2023, p. 24).

A proposta de Carneiro (2023) complementa a de Foucault ao afirmar que, no encontro entre o Eu hegemônico: burguês e branco, e o Outro, representado pela racialidade ou etnicidade, consolidou-se uma relação de superioridade que produziu a inferioridade do Outro,

devido ao agenciamento que essa superioridade estabelece nessa dinâmica. Nesse sentido, o "dispositivo de racialidade também produz uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, sendo a brancura a sua representação" (Carneiro, 2023, p. 25). O branco, como Eu hegemônico, torna-se a idealização do Ser para os Outros, enquanto a mulher branca é apresentada como figura exemplar. Assim, através do corpo branco, constrói-se um padrão estético, uma moral, uma forma de amor e de sexualidade (Carneiro, 2023). Nesse sentido, as representações culturais inscrevem-se no proposto por Homi Bhabha, "o lugar do outro não pode ser representado. É sempre uma aproximação, uma imagem marcada pela ausência e pela perda" (Bhabha, 2013, p. 86).

Esses discursos estão presentes nas publicações do CPB em seu Instagram e colocam a atleta negra como protagonista, mas sem dizer, na maioria das vezes, o seu nome. Essa forma de representação "atleta negra paralímpica sem nome" preserva uma memória que enaltece e unifica uma determinada versão de um passado nacional em prol da permanência de uma herança cultural ideologicamente marcada. Assim, as publicações em redes sociais, por ter um texto de grande circulação e de grande representação cultural e ideológica, expressam e reforçam, no imaginário coletivo, via discurso, com mais facilidade, estereótipos historicamente direcionados à população negra. Tais estereótipos foram construídas por intermédio de interpretações da realidade de uma dada coletividade eurocêntrica e patriarcal marcada pela brancura.

Figura 8 - Publicação de 2016 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A fotografia da Figura 8, retrata um grupo de atletas paralímpicos brasileiros em ensaio posado, compondo um registro visual de caráter institucional. Todos utilizam uniformes oficiais de atletismo fornecidos pela marca Nike, patrocinadora da equipe, o que evidencia a relação entre o movimento paralímpico e estratégias de visibilidade de marcas esportivas.

Figura 9 - Publicação de 2016 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A fotografia da Figura 9, registra uma atleta paralímpica brasileira em ação durante uma prova de atletismo, no momento de execução de um salto em distância. O enquadramento captura a intensidade do gesto esportivo, com ênfase na expressão corporal e na força do movimento. A atleta veste o uniforme oficial nas cores verde e azul. O uso de óculos escuros e a presença do número de identificação no peito.

As publicações realizadas pelo CPB em seu perfil oficial do Instagram, representadas pelas Figuras 8 e 9, destacam a atleta Silvânia Costa (atletismo). Na Figura 10, está a atleta Denise Vilela (esgrima em cadeira de rodas).

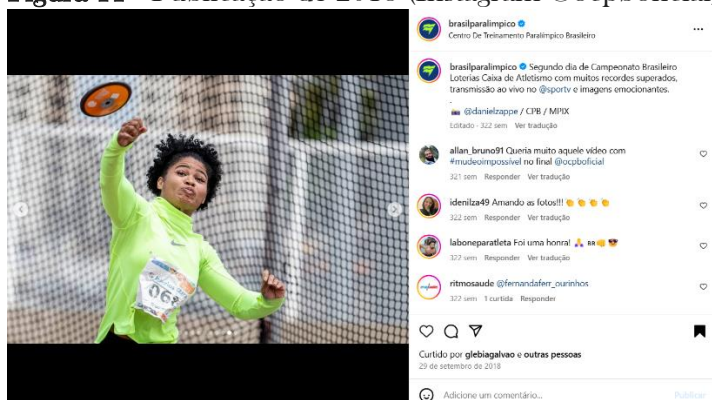
Figura 10 - Publicação de 2018 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A Figura 10, apresenta a atleta paralímpica brasileira de esgrima, Denise Vilela, em uma competição. Ela está sorrindo, segurando sua espada de esgrima e a máscara de proteção. Ao fundo, é possível ver um banner com a logo das "Loterias CAIXA", indicando o patrocínio.

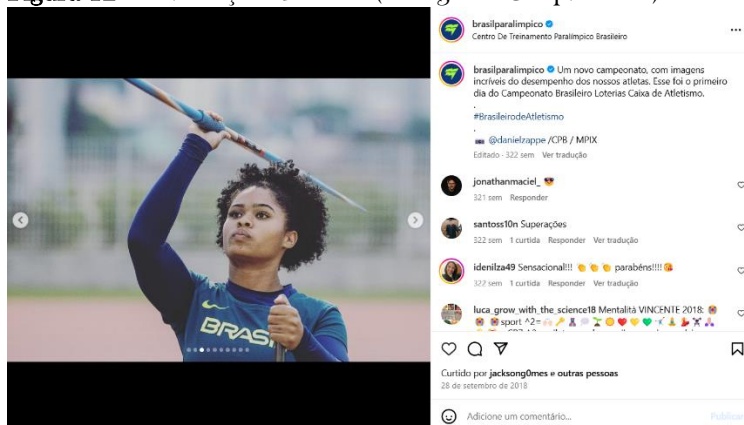
Figura 11 - Publicação de 2018 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A Figura 11 retrata uma atleta paralímpica brasileira durante a execução de um arremesso de disco, capturado em pleno movimento. O enquadramento privilegia o gesto técnico e a expressividade corporal, destacando a força e a precisão envolvidas na modalidade, e sem identificação da atleta.

Figura 12 - Publicação de 2018 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A Figura 12 retrata uma atleta paralímpica brasileira em momento de concentração durante a prova de lançamento de dardo, o enquadramento valoriza a postura corporal e a expressão facial da competidora, destacando tanto a dimensão técnica da modalidade quanto a intensidade subjetiva que antecede a execução do gesto.

Figura 13 - Publicação de 2018 (Instagram @ocpboficial)



Fonte: Captura de tela do perfil do Instagram do CPB.

A Figura 13 apresenta uma atleta parolímpica brasileira do halterofilismo, registrada em momento de pausa, posando junto ao equipamento utilizado na modalidade. O uniforme oficial, nas cores verde e branco. As publicações realizadas pelo CPB em seu perfil oficial do Instagram, representadas pelas Figura 11, 12 e 13, destacam as atletas Raissa Machado (atletismo) e Tayana Medeiros (halterofilismo).

No Brasil, um país que permaneceu sob o regime escravocrata por quase quatrocentos anos, mais tempo do que viveu fora dele, persiste, de forma paradoxal, a ilusão da democracia racial, apesar de as dinâmicas raciais continuarem a operar e o racismo atravessar todas as relações sociais. Nesse contexto, o silêncio do CPB, enquanto instituição, sobre questões raciais é ensurdecedor. A tese da democracia racial beneficia a minoria dominante, pois, ao negar a existência do racismo, a raça é reduzida a um elemento supérfluo, e as estruturas raciais de poder permanecem intocadas e fora do debate público.

A representação de atletas negras parolímpicas em modalidades distintas indica que há uma diversidade de atuação, mas, também, uma hierarquia na visibilidade esportiva. É indispensável sublinhar que a fabricação dessas imagens por si só não explica o racismo, o sexismo e o capacitismo no universo do esporte parolímpico brasileiro. Para realizarmos essa análise crítica é necessário observar e compreender epistemologicamente e historicamente as estruturas mobilizadas para que os conceitos de raça, gênero e deficiência confluíssem para sistemas de opressão que afetam mulheres negras no esporte parolímpico.

O uso de ferramentas midiáticas como as redes sociais contribui para uma perspectiva de resistência, com o registro e memória de atletas negras parolímpicas ainda que, em alguma medida, esteja estabelecida sob a ordem das dinâmicas do racismo, do sexismo e do capacitismo. Diante disso, o passado pressiona para ser visto e revisto, ou seja, as fontes históricas exigem novas explicações e impõe-nos visitar os arquivos, legendas e imagens, para passar a História a limpo. Como se, num misto de decepção e indignação, precisássemos desfazer os fios da memória ainda presos em processos de discriminação, exclusão e hierarquização e mostrando como e por que foram arbitrariamente trançados.

Nessa lógica, Burke (2004) reforça que a interpretação do conteúdo visual da imagem precisa ser ampliada. É crucial indagar: quem produziu, para qual público, com qual finalidade, e em que circunstâncias históricas? Após esses questionamentos, traçamos os seguintes contornos: as informações compartilhadas referem-se às vitórias e derrotas dos atletas nas competições, promoção de atletas e modalidades no contexto do esporte parolímpico; a página

do Instagram do CPB tem como objetivo difundir informações relacionadas ao esporte paralímpico para os adeptos do esporte para pessoas com deficiência, atletas, familiares e público interessado. Além disso, é uma forma de estabelecer a consolidação da imagem institucional do CPB.

Algumas instituições esportivas adotam uma postura de suposta neutralidade, alegando em suas condutas a ideia de que “o esporte é para todos”. Essa neutralidade, porém, beneficia a instituição porque evita confrontar diretamente desigualdades estruturais ou os chamados temas “polêmicos”. O entendimento do esporte como um espaço de mérito individual e superação corrobora para um silenciamento político. Ao invisibilizar raça e gênero enquanto marcadores sociais, essas instituições mantêm uma aparência de universalidade que, na prática, coloca na margem quem não se encaixa no padrão esperado socialmente, homem, branco, heterossexual e sem deficiência aparente ou que seja uma pessoa com deficiência melhor aceita pela sociedade. Outro aspecto a destacar é a ausência de mulheres negras com deficiência em instâncias decisórias, isso atrasa e dificulta a inserção de diálogos e práticas antirracistas, feministas e anticapacitistas nas políticas institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as representações culturais que envolvem a pessoa com deficiência, identificamos a persistência de discursos que produzem uma percepção difusa e limitadora sobre esses sujeitos, tornando ainda mais invisíveis as experiências e vozes das mulheres negras com deficiência. Então, o estudo buscou apresentar outro discurso acerca de representações sobre atletas negras paralímpicas com o intuito de amplificar a contra-voz ao discurso construído nas instâncias de poder das mídias sociais. Consideramos necessário abrir espaço para uma representação cultural de atletas negras paralímpicas que esteja sustentada em suas experiências de vida. Por esse lado, compreendemos a deficiência como uma categoria de análise, juntamente com a raça e o gênero, compondo contornos identitários de mulheres, com suas múltiplas realidades e subjetividades.

As imagens veiculadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro através do seu perfil no Instagram podem reforçar e contribuir para a naturalização de determinados estereótipos sobre corpos com deficiência. A interpretação das imagens exige a consideração dos marcadores de opressão interseccional. Reconstruir a história de atletas negras paralímpicas por meio de sua representação cultural é uma estratégia poderosa para desconstruir as estruturas de dominação e reumanizar os sujeitos desumanizados pela colonização.

Concluimos que a releitura das histórias de atletas negras paralímpicas, a partir de suas manifestações culturais, constitui um gesto de reafirmação de presença e não de submissão a lugares abstratos e excludentes. Tais percursos evidenciam que a experiência da deficiência constrói-se em meio a estigmas e resistências, numa busca contínua pelo reconhecimento de direitos, moldada pelas condições históricas e culturais de cada sociedade. Ao lidarmos com essa incompletude, demonstramos a necessidade da produção de pesquisas científicas, que divulguem as situações de opressão e suas intersecções.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Paralimpíadas Escolares (2006-2018): evidências em mídias digitais acerca do evento esportivo. **Recorde - Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-42, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/Recorde/article/view/25670>. Acesso em: 07 set. 2025.

BATAGLION, Giandra Anceski; SANCHOTENE, Vitória Crivellaro; MAZO, Janice Zarpellon. Esporte paralímpico escolar: uma cultura esportiva em construção. **Revista Contexto & Educação, /S. l./**, v. 40, n. 122, p. e15721, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/15721>. Acesso em: 07 set. 2025.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: SILVA, Petronilha Gonçalves da (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ashoka; Takano Editora, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não-Ser como fundamento do Ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Editora Memória e Sociedade. Editora: DIFEL, 2002.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Luana Pará. **Para "Ser":** representações culturais de identidades de atletas negras no Instagram do Comitê Paralímpico Brasileiro (2012-2019). 2025. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/291681>. Acesso em: 07 set. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos feministas**. Santa Catarina, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTp4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 set. 2025.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**. São Paulo. v. 6, n. 11, dec. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sur/a/fPMZfn9hbJYM7SzN9bwzysb/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2025.

EUGÊNIO, Josiane; DA SILVA, Alex Sander. “Os professores não sabiam o que fazer comigo!”: reflexões interseccionais de uma mulher negra com deficiência. **Educação em Revista**, Marília, SP, v. 23, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12854>. Acesso em: 03 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Canção pra Ninar Menino Grande**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Correa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge.; BARROS, Antônio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Integrating disability, transforming feminist theory. **NWSA Journal**, v. 14, n. 3, p. 1-32, set. 2002. <https://www.jstor.org/stable/4316922>. Acesso em: 07 set. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista de Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1980. p. 223-244. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/1141>. Acesso em: 05 set. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEDUR, Josiana Ayala; BEGOSSI, Tuany Defaveri. Traçados históricos da prática do Gateball no Brasil: o caso de Ivoti/RS (1980-2010). **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 25, n. 1, p.

41-57, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2625>. Acesso em: 05 set. 2025.

LIMA, Clevisvaldo Pinheiro. **Discurso(s) do/no jornal Folha de São Paulo sobre os atletas e os Jogos Paralímpicos: esporte, corpo e sujeito**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1253048>. Acesso em: 05 set. 2025.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 02, p. 103-116, 2016. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/%20article/view/726>. Acesso em: 05 set. 2025.

MAZO, Janice Zarpellon; BATAGLION, Giandra Anceski; PEREIRA, Ester Liberato. Paralympic sport in Brazil and Olympism: values to education and sports culture of children and young people with disabilities. **Journal of Human Sport and Exercise**, Alicante, v. 16, n. 1, p. S34-S48, 2021. Disponível em: <https://rua.ua.es/entities/publication/2f61c637-099f-4a99-b789-6b3fb91b57f6>. Acesso em: 05 set. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Negritude afro-brasileira; perspectivas e dificuldades. **Pade - Revista do Centro de Referência Negro-Mestiço**, v. 1, p. 23-27, 1989. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000800505>. Acesso em: 05 set. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002208484>. Acesso em: 05 set. 2025.

PARADESPORTO Brasil + Acessível: material digital para profissionais que atendem pessoas com deficiência. Projeto desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/Santos). Disponível em: <https://paradesporto.unifesp.br>. Acesso em: 05 set. 2025.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/FGx3yzvz7XrHRvqQBWLzDNv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 06 set. 2025.

SANCHOTENE, Vitória Crivellaro; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. A iniciação esportiva no esporte paralímpico: o caso do voleibol sentado. **Argumentos**, v. 17, n. 2, p. 255-273, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/3049>. Acesso em: 06 set. 2025.

SANCHOTENE, Vitória Crivellaro; OLIVEIRA, Raquel Valente de. Representações de mulheres atletas no voleibol sentado brasileiro. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 25, n. 1, p. 74-87, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2627>. Acesso em: 06 set. 2025.

SANTOS, Thamires Costa Meirelles dos; PASSOS, Rachel Gouveia. Interseccionalidade e Serviço Social: a perspectiva crítica de Lélia Gonzalez. **Serviço Social & Sociedade**, v. 148, n. 3, p. e6628451, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.451>. Acesso em: 06 set. 2025.

VIERA, Guilherme Carvalho; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Memórias fotográficas das seleções brasileiras nos Jogos Olímpicos (1948-1996). **Materiales para la Historia del Deporte**, n. 27, p. 48-64, 2024. Disponível em: <https://revistas.uam.es/mhd/article/view/5074>. Acesso em: 06 set. 2025.

| **Submetido em:** dezembro de 2025

| **Aprovado em:** março de 2026

| **Publicado em:** abril de 2026